

# As Sentinelas da Democracia Afegã: O Exército Nacional Afegão

Samuel Chan

*Podemos ajudar a adestrar um Exército, podemos ajudar a equipá-lo, podemos ajudar a construir as suas instalações, mas somente o povo afegão pode lhe dar alma.*<sup>1</sup>

—General-de-Divisão Karl Eikenberry, Exército dos EUA

**D**ESDE O LANÇAMENTO da Operação *Enduring Freedom* em 2001 e a subsequente queda do Talibã, a República Islâmica do Afeganistão fez grandes avanços rumo à democracia: uma constituição escrita, um presidente eleito pelo povo, um parlamento representativo, um supremo tribunal e numerosas instituições de construção nacional. Contudo, muitas partes do país permanecem inquietas, especialmente as províncias no sul e no leste que fazem fronteira com o Paquistão. Mesmo enquanto a Força Internacional de Assistência à Segurança (*International Security Assistance Force — Isaf*) enfrenta um Talibã determinado e ressurgente, a estabilidade do Afeganistão em longo prazo se assenta nos ombros do seu sistema de segurança — do qual o Exército Nacional Afegão (*Afghan National Army — ANA*) é parte integrante — tendo em consideração os constantes lembretes do Talibã de que “os americanos talvez tenham todos os relógios de pulso, mas nós temos todo o tempo”.<sup>2</sup>

Os numerosos artigos e relatórios escritos sobre o Exército afegão tendem a se concentrar em aspectos específicos da organização e a traçar quadros parciais, distorcidos, às vezes negativos ou às vezes otimistas demais. Embora o antigo Comandante Supremo da Otan, General James L. Jones, tenha testemunhado que “o Exército Nacional Afegão é o pilar mais bem sucedido de nossos esforços de reconstrução até hoje”, está

claro que ainda há muito trabalho a fazer.<sup>3</sup> Este artigo oferece um quadro holístico do progresso do Exército desde a sua formação em novembro de 2002. Analisa a história dos Exércitos Nacionais do Estado afegão e os parâmetros do Exército afegão (início e situação final desejada), proporciona um instantâneo do “equilíbrio militar” afegão e oferece informações úteis sobre o adestramento e o desempenho operacional do Exército afegão.

## O Passado

O Exército Nacional Afegão não é o primeiro Exército nacional do Afeganistão; existia um no nascimento do Estado-nação afegão em 1919. Infelizmente, sua história espelhou de perto a sorte volátil do Estado. Da independência a 1933, os emires e reis receavam que um Exército eficaz atrairia “concorrentes ambiciosos pelo poder para subverter setores do Afeganistão para seus próprios fins políticos” e negligenciavam deliberadamente o Exército Nacional. Em consequência, degenerou-se até se tornar “pouco mais que uma coleção de pequenas unidades de infantaria e, devido aos custos de cavalos e sua manutenção, um número cada vez menor de unidades de cavalaria”.<sup>4</sup> As peças e munição de artilharia estavam armazenadas em Cabul por precaução contra o mau comportamento em áreas tribais.

A negligência do Exército Nacional mudaria depois da Segunda Guerra Mundial. O Afeganistão tinha agido como um Estado-tampão entre as Índias Orientais Britânicas e a União Soviética, mas a retirada britânica do sul da Ásia perturbou o equilíbrio geopolítico. Os governantes afegãos modernizaram as Forças Armadas para ter uma

---

Samuel Chan foi bolsista Jebson no Centro para Estudos de Conflito e Paz (Centre for Conflict and Peace Studies — CAPS) em Cabul, no Afeganistão (2006), e bolsista de

pesquisa na S. Rajaratnam School of International Studies (RSIS) em Cingapura (2007-8). Atualmente, é bolsista em St. Antony's College, Universidade de Oxford.



*Soldados do Exército Nacional Afegão se apresentam com orgulho ao público presente à comemoração do 1º aniversário do 205º Corpo do Exército Nacional Afegão no Campo Shir Zai, na Província de Kandahar, no Afeganistão, 21 de setembro de 2005.*

força dissuasiva digna de crédito contra a União Soviética, suprimir as revoltas tribais e fortalecer a autoridade do governo central.<sup>5</sup> O primeiro sinal de um Exército nacional moderno surgiu em 1937, quando o Afeganistão convidou a Turquia a reorganizar seu Exército de 60.000 conscritos. Os turcos formaram uma estrutura de comando de divisões e brigadas, acrescentando um estado-maior de apoio ao quartel-general de cada escalão. O corpo de oficiais foi regularizado para assegurar a liderança profissional, e uma academia militar foi estabelecida para institucionalizar o adestramento e a educação de oficiais. Uma pequena força aérea também começou a tomar forma.<sup>6</sup>

A Turquia foi logo seguida pela Alemanha e pelos EUA, tendo este último país adestrado os oficiais do Exército afegão de 1956 a 1978.<sup>7</sup> Os soviéticos equiparam os afegãos pela primeira vez em 1956 e os adestraram na União Soviética e na Tchecoslováquia depois de 1961.<sup>8</sup> No início de 1970, dez vezes mais oficiais afegãos tinham sido treinados na União Soviética que nos Estados Unidos.<sup>9</sup> Até a véspera da ocupação soviética em 1979, os soviéticos concederam mais de US\$ 1 bilhão de ajuda militar, além de US\$ 1,25 bilhão de ajuda econômica.<sup>10</sup> O Exército Nacional aumentou para 100.000 homens, apoiados por uma força aérea de 10.000 homens.<sup>11</sup>

No papel, o Exército Nacional em 1979 era um Exército de conscritos comparativamente bem equipado, liderado por um corpo de oficiais profissional e organizado segundo padrões modernos. De muitas formas, o Exército era a instituição de modernização mais importante do país; contudo, os custos financeiros eram altos. O orçamento militar consumia a maior parte do orçamento anual, o que exigia ainda mais dependência em relação ao apoio soviético.<sup>12</sup> O desempenho das unidades afegãs de elite

impressionou os analistas, mas o restante do Exército era composto de conscritos analfabetos e politicamente atrasados que, em grande parte, não estavam dispostos a servir, eram adestrados inadequadamente e sofriam de moral baixo.<sup>13</sup> Um desequilíbrio étnico era evidente. Os oficiais profissionais eram “principalmente das famílias agrícolas prósperas pashtuns e também tadjiques instruídos”, enquanto as praças eram conscritos das classes pobres (sem-terra ou camponeses) de todos os grupos étnicos, mas frequentemente hazaras e uzbeques, tadjiques e turcomanos.<sup>14</sup>

A guerra de 1979 a 1992 assistiu à desintegração gradual do Exército afegão, conforme os conscritos desertores esvaziaram suas fileiras, passando ele a depender cada vez mais das forças soviéticas. Os conscritos afegãos estavam hesitantes em reprimir parentes a mando dos ocupantes estrangeiros, e o tratamento desumano dos “traidores” nas mãos das forças do mujahidin (a resistência afegã) exacerbou essa mentalidade.<sup>15</sup> Com a queda do regime apoiado pelos soviéticos em 1992, o Estado se desintegrou, um destino que logo consumiu o outrora Exército Nacional moderno.

## Os Parâmetros do ANA

Uma década depois, em uma tentativa de reconstruir o Afeganistão destruído pela guerra, os Estados Unidos lideraram o esforço internacional

de “estabelecer um Exército Nacional Afegão etnicamente equilibrado, profissional e respeitado em âmbito nacional, que seja responsável democraticamente, organizado, adestrado e equipado para atender às necessidades de segurança do país”.<sup>16</sup> Embora os conflitos constantes, o terreno inóspito e a valentia tenham cultivado as capacidades dos afegãos de ser soldados, a formação do Exército afegão não foi uma tarefa fácil para os EUA e parceiros da coalizão. Havia uma grande reserva de veteranos de combate, mas quase todos eram guerrilheiros e a maioria nunca tinha servido em um Exército profissional e organizado, leal ao Estado. Tinham lutado apenas por chefes militares, partidos religiosos e grupos étnicos ou tribais. A guerra civil afegã dos anos 90 também significou que as instituições que outrora proporcionavam a arregimentação, adestramento profissional e educação para as forças militares agora estavam extintas. As baixas taxas de alfabetização, a influência limitada do governo central, as rivalidades étnicas e os chefes militares provinciais também tornaram a tarefa de formar o Exército extremamente árdua.<sup>17</sup>

Um ex-ministro do interior afegão, que possui um entendimento íntimo do Afeganistão, acredita que “o maior desafio é criar uma força militar leal ao Estado, um Exército afegão voltado para a Nação, etnicamente equilibrado, moralmente disciplinado, profissionalmente hábil e operacionalmente coerente”.<sup>18</sup> Ao reconhecer isso, o Comando Conjunto de Transição de Segurança no Afeganistão (*Combined Security Transition Command-Afghanistan — CSTC-A*), o quartel-general “responsável por prover, equipar e adestrar o Exército Nacional Afegão”, definiu a situação final como “um ministro de defesa, estado-maior geral e instituições de apoio respeitados, multiétnicos, econômicos, leais e competentes, capazes de dirigir, comandar, controlar, adestrar e apoiar as forças operacionais que têm a capacidade de executar operações de contrainsurgência internas com assistência internacional limitada”.<sup>19</sup>

### O Equilíbrio Militar do Afeganistão

Em julho de 2008, o Exército afegão tinha “63.000 soldados no campo e mais 9.000 em adestramento”, a meio caminho da meta

recentemente revisada de uma força de 134.000, a qual permitiria ao governo do Afeganistão assumir a liderança das operações de segurança no país.<sup>20</sup> A força etnicamente equilibrada de 15 brigadas é distribuída geograficamente com o quartel-general do 201º Corpo do Exército Nacional Afegão, situado em Cabul, o 203º em Gardez, o 205º em Kandahar, o 207º em Herat e o 209º em Mazar-e-Sharif, com o restante designado para o Corpo Aéreo do Exército Nacional Afegão (*ANA Air Corps — ANAAC*), para o Ministério da Defesa Afegão e para instituições relacionadas.<sup>21</sup> Mesmo com esses avanços, o sistema militar afegão e suas subunidades ainda são, em grande medida, um “trabalho em curso”.

Com uma visão de 7.500 aviadores e 125 aviões de asas fixas e rotativas baseadas em todo o Afeganistão, o Corpo Aéreo — em parceria com a Força Conjunta de Transição de Poder Aéreo do CSTC-A — fez avanços importantes rumo à prontidão operacional. Com uma frota de 27 aeronaves (*Mi-17s, Mi-35s, AN-32s e AN-26s*) e um núcleo de 301 pilotos veteranos (que têm, em média, 44 anos e 2.500 horas de vôo acumuladas individualmente), o Corpo Aéreo atingiu marcos significativos em 2007, incluindo a realização do voo presidencial inaugural em maio e de missões de helicóptero em apoio às patrulhas combinadas do ANA e da Isaf em junho.<sup>22</sup>

---

**Em julho de 2008, o Exército afegão tinha “63.000 soldados no campo e mais 9.000 em adestramento”, a meio caminho da meta recentemente revisada de uma força de 134.000...**

Hoje, o Corpo Aéreo executa aproximadamente 800 saídas por mês; é responsável pelo transporte de 90% dos passageiros do Exército (comparado a 10% em 2007); e tem mais de 50 evacuações médicas de experiência acumulada. Seu quartel-general é situado na Instalação de Aviação

Combinada Um (*Joint Aviation Facility One*), uma sede com capacidade para 57 aeronaves.<sup>23</sup> Mesmo assim, o Corpo Aéreo provavelmente dependerá dos meios aéreos da coalizão no futuro próximo até que mais pilotos sejam qualificados, aeronaves adicionais sejam adquiridas, bases de apoio logístico sejam abastecidas e estabelecidas e o adestramento e a doutrina sejam institucionalizados. Embora a expectativa seja de que o Corpo atinja a prontidão operacional para as missões de mobilidade (evacuações médicas, apoio logístico geral e capacidades de movimento no campo de batalha) com uma frota de 61 aeronaves em 2011, capacidades de contrainsurgência como Inteligência, vigilância, reconhecimento e ataque terrestre não são esperadas até algum dia depois de 2016.<sup>24</sup>

Como o Exército afegão é principalmente uma força centrada na infantaria, a maioria das suas brigadas consiste em três *kandaks* (batalhões) de infantaria leve, um *kandak* de apoio ao combate e um *kandak* de apoio logístico. Em certas forças de reação rápida designadas, os três *kandaks* de infantaria são substituídos por comandos (*Rangers*/infantaria leve), infantaria mecanizada e *kandaks* blindados. Quando elementos antigovernamentais travam uma campanha de guerrilha ressurgente, o Exército requer unidades especializadas, adestradas na guerra irregular. O chefe de operações do Exército, um graduado da Escola de *Rangers* e da Escola de Forças Especiais

---

## **O Exército assumiu mais responsabilidades... mas ainda depende das forças da coalizão para o apoio ao combate e apoio logístico.**

do Exército americano, explicou que “essa não é uma questão de empregar uma grande força contra esse inimigo... de fato, é muito importante usar uma força menor, bem adestrada e profissional para as operações especiais a fim de lidar com ele”.<sup>25</sup> Para aumentar ainda mais a sua capacidade de ataque, foram escolhidos veteranos de combate

especial para formar seis *kandaks* de comandos de 650 homens, que serão os mais bem equipados e adestrados do Exército.<sup>26</sup> Orientados pelas Forças Especiais dos EUA, quatro *kandaks* de comandos foram designados para os Corpos do ANA. Existe um quinto *kandak* de comandos em adestramento, e o estabelecimento de um quartel-general de brigada de comandos está em curso.<sup>27</sup>

O Exército assumiu mais responsabilidades nas grandes operações, incluindo o planejamento de operações combinadas com as forças da coalizão, mas ainda depende das forças da coalizão para o apoio ao combate e apoio logístico. Em 2006, o General Barry McCaffrey (reformado) destacou o apuro em que se encontrava o Exército: “O Exército afegão está em um estado miserável de baixos recursos. Isso é hoje um grande fator de moral para seus soldados... comandantes de campanha do Exército me disseram que tentam apreender armas de membros do Talibã, que, a seu ver, são muito mais bem armados. Muitos soldados e policiais dispõem de pouca munição e poucos carregadores; nenhum colete à prova de balas, óculos de proteção ou capacete de Kevlar; nenhuma viatura blindada leve (*Humvee*) ou viaturas blindadas leves sobre lagartas”.<sup>28</sup> McCaffrey estimou que, para que o Exército realmente se torne “uma força de contrainsurgência de primeira linha bem equipada, disciplinada, multiétnica, alfabetizada e adestrada” e para que os Estados Unidos se retirem completamente do Afeganistão até 2020, o custo será de aproximadamente US\$ 1,2 bilhão por ano durante 10 anos.<sup>29</sup>

Até agora, a assistência americana para o Afeganistão nos anos fiscais de 2001 a 2008 somou US\$ 26,2 bilhões: US\$ 17,2 bilhões (66%) para as forças de segurança afegãs; US\$ 7,7 bilhões (29%) para o desenvolvimento econômico e social; e US\$ 1,3 bilhão (5%) para a governança, Estado de Direito e direitos humanos.<sup>30</sup> Em contraste, o orçamento para as operações militares dos EUA para o período correspondente totalizou US\$ 146,4 bilhões.<sup>31</sup> Embora tenha feito algum progresso econômico, o Afeganistão dependerá dos parceiros estrangeiros para o apoio financeiro, especialmente quando o modelo atual do setor de segurança do Afeganistão custa 17% do PIB do país (2004/2005), um número insustentável até pelos países mais ricos, e muito menos por um em desenvolvimento.<sup>32</sup>



Marinha dos EUA, CC Steven Parks

*O Chefe do Estado-Maior da Defesa, Almirante da Marinha Mike Mullen, ao centro, caminha com o Ministro de Defesa do Exército Nacional Afegão Raheem Wardak, à esquerda, e o Cel Thomas J. McGrath, depois de sua chegada a uma base de operações avançada no oeste de Kandahar no sul do Afeganistão, 21 de dezembro de 2007.*

Apesar dos US\$ 822 milhões em doações de 46 parceiros da coalizão e mais US\$ 194 milhões em fase de aprovação, o Exército afegão ainda “sofre de poder de fogo insuficiente, falta de apoio de combate aéreo próprio e inexistência de um orçamento operacional autossustentável”.<sup>33</sup> O poder de fogo insuficiente e a proteção inadequada resultaram em índices crescentes de baixas entre os soldados afegãos conforme o Exército assume mais responsabilidades. Segundo algumas estimativas, 40 a 60 soldados afegãos perecem para cada soldado da coalizão morto em ação.<sup>34</sup> A dependência do Exército em relação ao apoio militar estrangeiro no futuro próximo é evidente na região. O comandante do 205º Corpo diz: “Confesso que não podemos fazer isso sozinhos. Somos um país pobre”.<sup>35</sup>

A recente intensificação da violência no Iraque talvez tenha tirado o foco do Afeganistão, mas um Talibã ressurgente e a fricção interna entre os membros da Otan mais uma vez atraíram a atenção para o Estado empobrecido. Durante um depoimento ao Congresso em fevereiro de 2007, o General Karl Eikenberry, ex-comandante das forças americanas no Afeganistão, testemunhou que, embora a Otan houvesse feito progressos no Afeganistão, ainda havia muito trabalho e

melhorias extremamente necessárias a fazer. “Os países da Otan devem fazer mais para cumprir os seus compromissos de fornecer forças e capacidades suficientes para a missão e aumentar seu nível de apoio para o adestramento e equipamento das forças de segurança nacionais do Afeganistão”, comentou Eikenberry.<sup>36</sup> Mary Beth Long, principal subsecretária adjunta de Defesa para Assuntos Internacionais, disse ao Comitê das Forças Armadas da Câmara dos Deputados, “Nosso foco, nos anos por vir, mudará para a sustentação, que estimamos em cerca de US\$ 2 bilhões anualmente”.<sup>37</sup>

Embora os números anuais de recrutamento para o Exército afegão tenham dobrado de uma média mensal de 1.000 em 2004 para mais de 2.000 em 2008, o foco está em assegurar a qualidade e estabelecer a quantidade de um Exército eficaz.<sup>38</sup> Mesmo assim, o ministro da Defesa afegão, Abdul Rahim Wardak, enfatizou que ainda há muito trabalho a fazer, porque o inimigo se encorajava com a convicção de “que, se os soldados estrangeiros sofressem muito mais baixas, a comunidade internacional deixaria o Afeganistão”.<sup>39</sup> Wardak acredita que, para o Afeganistão se defender contra as ameaças externas e internas, “o número mínimo



Soldados do Exército Nacional Afegão participam de treinamento no Centro de Adestramento Militar em Cabul, 24 de fevereiro de 2007.

com que podemos sobreviver dentro deste ambiente estratégico e complexo é de 150.000 a 200.000 [soldados], bem treinados e equipados, com mobilidade e poder de fogo e unidades de logística e de adestramento”, opinião ecoada pelos chefe e vice-chefe do Estado-Maior do Exército e pelo presidente da Câmara dos Comuns do Parlamento.<sup>40</sup>

Com o aumento dos números de recrutamento e uma meta revisada de um Exército com um complemento de 134.000 (da meta original de 70.000), o adestramento “tinha de ser separado do Centro de Adestramento Militar de Cabul, onde ocorre a maior parte do adestramento básico, e mais duas áreas de adestramento básico precisavam ser acrescentadas”.<sup>41</sup> Para auxiliar a implementação da diretriz oficial do governo afegão de recrutar 2.000 soldados afegãos por mês, o número de militares dos EUA assessorando o Exército afegão aumentaria de 2.900 para 3.600 até abril de 2007.<sup>42</sup> Os compromissos militares em todo o mundo e a tarefa adicional de formar a Polícia Nacional Afegã adiaram o desdobramento de todos os instrutores americanos necessários e, por isso, em março de 2008, apenas 1.062 das 2.391 posições (44%) haviam sido preenchidas.<sup>43</sup> Em consequência, pediu-se aos parceiros da Isaf, especialmente aos membros da Otan, que assumissem mais responsabilidades para ajudar o Exército afegão a alcançar sua meta de recrutamento. Segundo a concepção

estratégica do Secretário-Geral da Otan, Jaap de Hoop Scheffer, as forças de segurança afegãs assumiriam gradualmente o controle na primavera de 2008.<sup>44</sup> Em agosto de 2008, os afegãos assumiram, de fato, a responsabilidade pela segurança de Cabul, mas esse foi, de modo geral, um gesto simbólico que não alterou os níveis ou exigências operacionais das tropas da Isaf na capital.<sup>45</sup>

## O Adestramento do Exército Nacional Afegão

O treinamento e orientação (*mentoring*) do Exército afegão estão sob a responsabilidade do CSTC-A, mas não são apenas um esforço americano. Outros treze parceiros da coalizão — Canadá, Croácia, França, Alemanha, Itália, Mongólia, Noruega, Polônia, Romênia, Eslovênia, Suécia, Países Baixos e Reino Unido — operam sob os auspícios da Força-Tarefa Combinada Phoenix, orientando o ANA sobre funções de liderança, pessoal e apoio; planejamento, avaliação, apoio e execução de operações; e treinamento em doutrina, tática, técnicas e procedimentos”.<sup>46</sup> A maior parte do treinamento formal é realizada em Cabul: no Centro de Adestramento Militar, na Academia de Sargentos *Bridmal* (companheiro de combate), na Academia Militar Nacional do Afeganistão e na Escola de Comando e Estado-Maior Afegã. Contudo, o aprendizado não termina aí, uma vez que os soldados e as unidades são

continuamente monitorados e orientados por equipes de adestramento incorporadas e por 21 equipes de ligação de orientação operacional da coalizão, incorporadas nos quartéis-generais dos *kandaks*, brigadas, guarnições e corpos do Exército afegão.<sup>47</sup>

Um soldado começa sua carreira no centro de adestramento em Cabul, onde é designado para um *kandak* por sete semanas de treinamento de combate básico, sob o olhar atento de instrutores do Exército afegão e mentores americanos. Além de inculcar habilidades militares e o trabalho em equipe, o treinamento básico busca formar laços comuns e derrubar barreiras entre os diferentes grupos étnicos. Depois do treinamento inicial, os recrutas com potencial de liderança deixam o *kandak* para participar de um curso de sargentos, liderado pelo Reino Unido, antes de se juntar ao próximo *kandak* como chefes de seção, enquanto os recrutas restantes recebem treinamento de infantaria avançado, fazem outro curso de especialização militar ou são enviados às unidades para as quais foram designados.<sup>48</sup> Na conclusão dessa fase inicial de adestramento, os recrutas se tornam soldados afegãos e a eles se juntam os sargentos e oficiais.

Como os soldados, sargentos e oficiais afegãos são treinados separadamente e por países diferentes, há uma necessidade de consolidar seu adestramento para que possam atuar como um *kandak* coeso. Assim, as unidades do Exército afegão passam por um processo de validação, no formato de um exercício de campanha de duas semanas, conduzido pelo Destacamento Canadense do Centro de Adestramento Nacional Afegão. Esse exercício de treinamento comprova a eficácia tática das unidades afegãs conforme executam cenários como incursões, emboscadas, ataques imediatos, defesas sumárias e até operações além da guerra.<sup>49</sup> Além disso, os recém-formados *kandaks* passam por um período de 60 dias de treinamento individual e coletivo dentro da área de operações do quartel-general superior (corpo/brigada), antes de se revezarem em operações de combate.<sup>50</sup>

A maior necessidade de oficiais abriu a porta para 8.000 líderes — ex-oficiais do Exército Nacional, cujas posições haviam sido declaradas redundantes anteriormente, ou ex-oficiais do mujahidin, que haviam sido desarmados depois

da saída dos soviéticos — entrarem para o Exército por meio de concursos realizados em todo o país.<sup>51</sup> Curiosamente, a maioria dos oficiais afegãos agora recebe seu treinamento dos EUA e da Turquia, os mesmos países que, inicialmente, ajudaram a modernizar o Exército Nacional no século XX.<sup>52</sup> “Por toda a história, existiu uma amizade entre o Afeganistão e a Turquia”, disse o ex-comandante de uma força-tarefa turca no Afeganistão. “A Turquia fornece adestramento ao Exército afegão desde os anos 20”.<sup>53</sup>

O programa de quatro anos da academia militar, que segue o modelo de West Point, oferece um diploma universitário e uma comissão aos cadetes altamente qualificados, enquanto a Academia de Oficiais Francesa proporciona um pacote de educação continuada de oito semanas para oficiais já comissionados com experiência prévia em uma unidade. Em princípio, a academia pode comissionar até 300 oficiais por ano, mas a Turma de 2009, que começou com 120 cadetes, tem apenas 91 agora, e a Turma de 2010, que começou com 270, encolheu para 239.<sup>54</sup> Quanto à Academia de Oficiais Francesa, alguns críticos apontam que ela oferece apenas “treinamento continuado”, que “não produziu resultados consistentes” e que “adestrava os oficiais para controlar todos os aspectos da companhia”.<sup>55</sup> Como o Exército afegão crescente exige uma expansão rápida de seu corpo de oficiais subalternos, também

---

**...o líder do pelotão controlava todos os soldados... e os sargentos ficavam ali parados, olhando em volta...**

foi lançado um curso de cadetes de seis meses para os graduados de universidades, baseado na Academia Militar Britânica em Sandhurst.<sup>56</sup> Esse curso de 23 semanas na Escola de Formação de Oficiais ajuda a preencher o Exército rapidamente com os oficiais subalternos tão necessários.

A Índia, que não integra a Isaf ou a Otan, desdobrou uma equipe militar no Afeganistão em meados de 2007 para conduzir treinamento de infantaria sobre o manejo de armas, leitura

de mapas e funções de estado-maior no nível de batalhão.<sup>57</sup> A educação formal para comandantes superiores sobre uma ampla gama de assuntos é fornecida por meio de um curso superior de comando e estado-maior na Escola de Guerra Afegã, que abriu suas portas em 28 de outubro de 2006.<sup>58</sup>

A princípio, os oficiais do Exército afegão ficaram alarmados com a alta taxa de desqualificação de recrutas durante o processo de triagem inicial, atribuindo-a à falta de comunicação sobre pagamento e treinamento, promessas falsas e recrutas “forçados a entrar para o Exército segundo cotas impostas pelos comandantes de milícias locais”.<sup>59</sup> Durante a campanha de recrutamento inaugural para o primeiro *kandak* do Exército, “mais de 500 apareceram, mas quase a metade desistiu devido a mal-entendidos, entre os quais estavam os salários e a percepção de que eles seriam levados para os EUA e aprenderiam a falar inglês e a ler e escrever. Alguns recrutas eram menores de 18 anos de idade e a maioria era analfabeta. Os recrutas que só falavam pachto tinham dificuldades porque as

havia por volta de uns 111. O Exército decidiu que alguns desses graduados universitários não atendiam ao padrão educacional exigido”, disse o Capitão Danny O’Connor do Exército Britânico, ex-instrutor da Escola de Formação de Oficiais.<sup>61</sup> Outro instrutor acrescentou: “nem sempre é fácil conectar com os afegãos, embora sejam cooperativos”.<sup>62</sup>

As realidades locais indicam que “os comandantes e soldados afegãos reclamam da baixa remuneração, armas defeituosas e falta de munição e equipamentos de proteção. Embora elogiem os soldados afegãos por sua bravura, os instrutores americanos reclamam de sua aparência desleixada, falta de disciplina, furtos, equipamentos maltratados e infiltração no Exército por espiões ou soldados do Talibã que vendem informações”.<sup>63</sup> A despeito do rigoroso processo de triagem, agentes infiltrados antigoverno foram descobertos “tentando obter informações impróprias para as suas descrições de cargo”.<sup>64</sup> Para impedir que elementos indesejáveis se infiltrem no Exército, foram implantadas verificações de segurança mais rigorosas. Atualmente, todos os recrutas potenciais precisam do aval pessoal de um ancião tribal ou mulá.<sup>65</sup> Os padrões de recrutamento também foram elevados. “Anteriormente, havia a necessidade de se produzir um grande número de soldados, mas agora enfocamos a qualidade em vez da quantidade”, explicou um comandante do Centro de Adestramento Militar em Cabul.<sup>66</sup>

Além dos problemas iniciais de triagem enfrentados pelos instrutores, vários outros desafios de aprendizagem incluíam a exigência de treinamento e conhecimento da enorme variedade de armas do bloco soviético no inventário do Exército afegão, como o carro de combate principal *T-62*.<sup>67</sup> Em outros momentos, os instrutores enfrentavam meios auxiliares de treinamento decrépitos e equipamentos incompatíveis e incompletos. Por exemplo, faltavam alças de mira para o canhão sem recuo russo *SPG-9* e pranchetas de tiro e goniômetros-bússolas para a pontaria de artilharia. Além disso, os tubos de morteiros, embora disponíveis, eram de três países diferentes.<sup>68</sup> Tais problemas não se limitavam às primeiras unidades do Exército. No final de 2005, unidades recém-formadas ainda careciam da qualidade e da quantidade de equipamentos

---

***O Talibã [oferece]... salários-tarefas de US\$ 10 a US\$ 20 por dia pela adesão a um dado ataque contra as forças ocidentais”, US\$ 15 para lançar uma única bomba de morteiro nas bases militares da coalizão nas imediações e US\$ 1.000 pela cabeça de um funcionário do governo ou de um estrangeiro.***

instruções eram dadas por meio de intérpretes que falavam dari”.<sup>60</sup> Nem a Escola de Formação de Oficiais passou ilesa. “Começamos no primeiro dia às 7h30 com 189 estudantes e, às 10h, só

necessários e, no início de 2008, apenas 82 dos 132 obuseiros *D-30* de 122mm, utilizados pelas baterias de artilharia, funcionavam.<sup>69</sup> Até os escalões mais altos tinham equipamentos inferiores. Um comandante de brigada afegã disse gastar US\$ 250 do seu salário mensal de US\$ 400 em cartões telefônicos porque o seu telefone celular pessoal era o único meio confiável de se comunicar com seus comandantes.<sup>70</sup>

Outro problema que transcende todos os aspectos do Exército afegão é a divisão entre oficiais e sargentos. O Capitão Charles Di Leonardo, do Exército dos EUA, que atuou como mentor de uma companhia de metralhadoras e engenhos do Exército afegão, recorda: “Os sargentos na companhia não tinham poder algum, e o 1º Sargento estava lá para fazer chá e levá-lo aos oficiais. Também havia problemas de confiança entre os oficiais e os sargentos”.<sup>71</sup> Essa divisão ficou evidente durante um exercício em campanha. No pelotão de morteiros, “o líder do pelotão controlava todos os soldados... e os sargentos ficavam ali parados, olhando em volta como se fossem cabos com salários altos demais”. No pelotão anticarro, “fora o sargento-adjunto de pelotão, havia pouco envolvimento dos sargentos”. E no pelotão de reconhecimento, “os soldados tiravam os capacetes, botas e camisas e iam dormir” quando o líder do pelotão não estava nas proximidades. Contudo, quanto ao treinamento físico, “nenhum oficial se apresentou para os exercícios”. No entanto, essa ausência de oficiais no treinamento físico se mostrou, na verdade, benéfica. Os sargentos aproveitaram a oportunidade para assumir papéis de liderança e ganhar lentamente a confiança em todos os aspectos do treinamento.<sup>72</sup>

A divisão entre oficiais e sargentos se deve a “problemas culturais e sociais”, observou o Suboficial Daniel R. Wood. “Tipicamente, os sargentos não gozavam de muito respeito sob o velho regime. Os tenentes e capitães tomavam todas as decisões no nível de unidade, e os capitães ou majores faziam o que considerávamos trabalho de sargentos nos níveis superiores”.<sup>73</sup> Com essas tradições aparentemente imutáveis, “muitos oficiais permanecem relutantes em aceitar um papel ampliado para os sargentos”, e o desenvolvimento de um corpo profissional de sargentos enfrenta um ceticismo inicial.<sup>74</sup>



Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, Cabo Shawn M. Statz

*O Cabo Matt Madine do Exército Britânico, designado para a Polícia do Exército Real, utiliza pedras para demonstrar formações de patrulha a pé em Musa Quela, no Afeganistão, 12 de junho de 2008.*

Um exemplo característico é a nomeação de Roshan Safi como primeiro Suboficial do Exército afegão, iniciativa tomada “para agradar aos americanos”, segundo o Suboficial Thomas Gills, antigamente no CSTC-A. Desde a sua nomeação, Safi, que cursou a Escola de Formação de Primeiros-Sargentos do Exército dos EUA e se formou como melhor aluno estrangeiro, vem “resolvendo questões que o comandante do corpo não foi capaz de resolver”. Fazendo jus ao nome (“roshan” significa “luz”), o Suboficial Safi tem sido um farol no desenvolvimento de sargentos do Exército e um conselheiro inestimável para o General Bismullah Khan.<sup>75</sup>

O soldado individual também enfrenta problemas em relação àquele benefício mais básico, dado como certo nas forças armadas do primeiro mundo: o seu salário. Um comandante de companhia do Exército afegão disse que começava a ver evasão em suas forças. Observou que, como é um Exército de voluntários, os soldados ocasionalmente saem para nunca mais voltar e que, atualmente, estavam em mais ou menos 70% do efetivo. Também disse que muitos soldados são quase analfabetos e que a razão pela qual muitos soldados estavam saindo era a remuneração “extremamente baixa”.<sup>76</sup>

Recentemente, o Talibã explorou essa fraqueza e intensificou os esforços de recrutamento ao oferecer quase três vezes o pagamento diário de um soldado: até US\$ 300 por mês contra a remuneração mensal de US\$ 70 de um soldado raso de primeiro ano. Um oficial afegão, que

falou em condição de anonimato, disse que “a remuneração básica de US\$ 70 por mês era muito dinheiro em 2003, mas é mais difícil recrutar pessoas para lutar em uma insurgência implacável agora”.<sup>77</sup> Ao subir na cadeia de comando, o salário mensal em 2006 era de US\$ 180 para a praça mais

---

**“Nós os adestramos e, depois, eles concluíram a operação sozinhos; é algo realmente gratificante de se ver.”**

antiga, US\$ 160 para um 2º Tenente e US\$ 850 para um general. Em 2008, cada um deles passou a receber apenas US\$ 30 a mais por mês.<sup>78</sup> Em muitos casos, os generais estão sem receber há meses, mas continuam a servir.<sup>79</sup>

O Talibã, muitas vezes, atrai membros tribais e agricultores com várias ofertas “sazonais” em províncias diferentes, incluindo “salários-tarefas de US\$ 10 a US\$ 20 por dia pela adesão a um dado ataque contra as forças ocidentais”, US\$ 15 para lançar uma única bomba de morteiro nas bases militares da coalizão nas imediações e US\$ 1.000 pela cabeça de um funcionário do governo ou de um estrangeiro.<sup>80</sup> Um oficial do 205º Corpo acredita que o dinheiro vivo do Talibã vem do Paquistão e do próspero tráfico de drogas. Além disso, oficiais afegãos creem que certos países árabes também estão financiando a insurgência.<sup>81</sup>

Além da sedução do dinheiro vivo, o Tenente-Coronel David Hammond, do Regimento de Paraquedistas Britânico, salientou os benefícios intangíveis oferecidos pelos insurgentes: “Se você fosse um rapaz nas montanhas e lhe oferecessem US\$ 12 para ficar na área local ou pudesse pegar US\$ 4 e lutar a quilômetros de distância de casa, o que faria?”<sup>82</sup> Lutar a quilômetros de distância de casa tem certas desvantagens operacionais. O assessor do ministro de Relações Tribais do Afeganistão e ex-governador de Uruzgan, Jan Mohamed Khan, disse que certas unidades do Exército não se saíram bem porque “são do norte” e não conhecem o terreno e o povo “do sul” (ex.: Uruzgan, Helmand e Kandahar).<sup>83</sup> As forças da coalizão, porém, sustentariam que, em muitos

casos, as unidades de outros locais são a única maneira de combater a corrupção, porque não têm conexões na província.<sup>84</sup>

Finalmente, o Talibã, com frequência, utiliza armas melhores e de calibre maior comparado com o Exército afegão, incluindo metralhadoras pesadas, morteiros e, às vezes, fuzis sem recuo.<sup>85</sup> Enquanto isso, as unidades do Exército que não receberam armas melhores continuam a operar com armas “recicladas” tiradas das milícias, não tendo alguns dos fuzis alças de mira básicas.<sup>86</sup>

Além das questões de remuneração supracitadas, há inúmeras outras razões por que os soldados do Exército desertam de seus postos e ficam ausentes sem licença. Muitas vezes, “uma relutância em lutar ao lado de estrangeiros contra compatriotas e a necessidade de levar dinheiro para a família em aldeias afastadas ou de ajudar na época da colheita” são exacerbadas por “condições precárias e pela resistência feroz do Talibã e pela inexistência de um sistema bancário que os impede de enviar dinheiro para suas famílias”.<sup>87</sup> Além “das tendências mensais de ausência sem licença”, dois eventos sazonais causam o êxodo em massa dos soldados para as suas cidades natais. O primeiro é o mês sagrado do Ramadã, especialmente a semana depois de Eid-il-Fitr (o fim do Ramadã), quando as famílias se reúnem para as celebrações e banquetes que marcam o fim do período de jejum. O outro é o inverno, quando o frio, provisões inadequadas e condições de vida precárias tornam a vida no campo intolerável.<sup>88</sup> No final de 2006, cada *kandak* com efetivo completo de 611 pessoas só tinha mais ou menos 428 homens designados (70%) e, desse número reduzido de pessoal, apenas cerca de 300 compareceram, de fato, às formações (outros 70%). O CSTC-A, em parceria com o Exército afegão, visa a melhorar a taxa de efetivo para 85%, com 80% deles comparecendo ao serviço.<sup>89</sup>

Para resolver esses problemas, o Exército afegão usa a abordagem de “cenoura e chicote” de incentivo e disciplina. Uma importante “cenoura” é o aumento de salário. Um porta-voz do Ministério de Defesa afegão disse que “o governo aumentou os salários dos soldados do ANA de 80 para 100 dólares por mês e os soldados que quisessem renovar o contrato [três anos de realistamento para os soldados e cinco para os sargentos] receberiam outro aumento de US\$ 35

no salário mensal”.<sup>90</sup> Para ajudar na obtenção de equipamentos confiáveis e de maior proteção para as unidades no campo, as nações parceiras da Isaf entregaram grandes quantidades de material na forma de pequenas armas, viaturas leves blindadas *Humvee* para substituir as pickups Ford Ranger desprotegidas, obuseiros, helicópteros *Mi-17* e *Mi-35*, carros de combate *Leopard* e viaturas blindadas de transporte de pessoal.<sup>91</sup> Quanto ao “chicote”, o chefe de operações do Exército afegão admitiu os “problemas, particularmente o problema de evasão e deserção” e propôs uma solução regimental para assegurar que os que ficarem ausentes sem licença sejam presos e enfrentem a justiça militar.<sup>92</sup>

Com a entrega constante de ajuda e melhoras no bem-estar dos soldados, a taxa de absenteísmo geral foi reduzida em 2007 de um máximo de 38% para 12% e, antes do início de 2008, estava em 10%.<sup>93</sup> Ao mesmo tempo, com atenção cuidadosa às necessidades dos soldados, as taxas de retenção do Exército aumentaram de 35% em meados de 2006 para as médias atuais acumuladas do ano de 50% para os soldados e 56% para

os sargentos.<sup>94</sup> Esse sucesso pode ser atribuído ao reconhecimento por parte do Exército da necessidade de adaptar os padrões ocidentais de disciplina e interesse nos soldados. Em março de 2007, o chefe do Estado-Maior do Exército propôs a criação de um horário flexível que incorporasse o serviço ativo, adestramento e saídas liberadas para proporcionar aos soldados tempo para visitar a família, ficar mais perto de casa e manter a coesão das unidades ao permanecer com as unidades às quais foram designados. “No ANA, temos um compromisso um com o outro”, anunciou o General Khan. “Se os soldados podem aprender a seguir ordens e a fazer o que pedimos, devemos fazer o possível para cuidar de nossos subordinados, o que significa encontrar uma melhor maneira para nossos homens servirem o país... É nossa responsabilidade fazer com que a escolha deles como soldados seja mais fácil”.<sup>95</sup>

O sistema legal do Exército afegão também foi estabelecido para impor os direitos básicos dos soldados. Visa a erradicar o abuso de soldados por oficiais que impõem castigos contrários às políticas do Exército. No final de 2006, o ex-chefe



Exército dos EUA. Cabo Casey Ware

Soldados dos EUA e do Exército Nacional Afegão conduzem cerimônia de transição de autoridade no centro do distrito em Bak, no Afeganistão, 16 de agosto de 2008.

do Estado-Maior da 2ª Brigada, do 201º Corpo, testou a determinação do assessor jurídico do Exército e acabou sendo condenado a seis meses de cadeia, com três anos de suspensão condicional da pena por atacar um soldado.<sup>96</sup>

Esses acontecimentos podem ser precursores de boas coisas por vir. O Exército “realmente vem lutando para se erguer e, mesmo agora, provavelmente não está totalmente de pé. Contudo, há potencial. O material básico é tão bom quanto qualquer coisa que vi em qualquer outra parte do mundo”, disse o Coronel Paul Farrar, um oficial britânico com 32 anos de serviço e experiência no treinamento de Exércitos estrangeiros.<sup>97</sup> Outro oficial disse: “O próprio Exército Nacional Afegão está crescendo não apenas de tamanho, parece que está ficando mais inteligente na forma como faz as coisas”.<sup>98</sup>

Embora o progresso esteja em andamento, o desenvolvimento de um Exército completamente profissional exige muito mais paciência. O Sargento George Beck Jr., conselheiro militar dos EUA, forneceu uma analogia apropriada: “É sobre engatinhar, andar, correr. Agora o Exército afegão está engatinhando. Em poucos anos, andar, e em 10, correrá. Então, poderemos todos ir para casa”.<sup>99</sup> O Exército afegão é uma força capaz ou apenas um Exército de papel? Os indicadores mostram que o Exército está crescendo de forma constante e a ajuda material está entrando em grande quantidade, principalmente dos EUA. No entanto, medir a qualidade do Exército exige uma análise dos relatórios de campo para traçar o quadro operacional atual.

## O Quadro Operacional Atual

Hoje, mais de duas dezenas de batalhões do Exército e esquadrões do Corpo Aéreo do Afeganistão são capazes de “operar sozinhos ou com mínimo apoio das forças dos EUA ou da coalizão”, enquanto duas unidades foram validadas como sendo operacionalmente independentes em março de 2008. Há dois anos, nenhuma unidade chegava nem perto disso.<sup>100</sup> Mesmo assim, apesar dos esforços de instrutores dos Exércitos de primeira classe, alguns grupos ainda relatam que o Exército “permanece uma força mal disciplinada, enfraquecida pelo abuso

de drogas e deserção” e que há uma necessidade de fomentar “a ética nacional em vez da crença tribal”.<sup>101</sup> Segundo esses relatos, “soldados afegãos jovens e mal equipados cederam sob fogo durante batalhas com forças superiores do Talibã ou eram soldados “doidos para atirar” que disparavam por qualquer pretexto”.<sup>102</sup>

O Exército Britânico, o principal e maior contingente militar na província inquieta de Helmand, no sul, assumiu o papel duplo de treinar e orientar as unidades do Exército afegão em suas áreas de operações.<sup>103</sup> Até hoje, as reações da equipe britânica de ligação e orientação operacional em relação ao Exército afegão são mistas. Quanto aos soldados afegãos, alguns membros da equipe reportaram casos de covardia sob fogo, uma aversão a patrulhas, uma tendência de extorquir os moradores locais e uma inclinação a fumar substâncias ilícitas. Um ancião tribal local chegou a alegar que, em qualquer dia, até a metade dos soldados em Helmand está drogada com haxixe.<sup>104</sup> Não foi grande surpresa ouvir um sargento britânico exclamar: “Um cara ameaçou disparar em mim. Não tínhamos poder nenhum para discipliná-los”.<sup>105</sup> Dois militares americanos não tiveram a sorte de evitar serem baleados. Foram fatalmente feridos por um soldado do Exército afegão no exterior de uma prisão de segurança máxima, em Pul-e-Charkhi (leste de Cabul), em maio de 2006.<sup>106</sup> Outro soldado da coalizão disse que “no momento, o Exército afegão não está treinado a ponto de poder manobrar. Quando os nossos soldados são atacados, não estão em condições de vir e ajudar-nos”.<sup>107</sup>

O setor de Inteligência interna do Afeganistão também prendeu vários oficiais afegãos, incluindo o antigo chefe dos depósitos de armas em Khirabad (sul de Cabul), pelo tráfico de “150 caixas de cartuchos de *Kalashnikovs* e de outras armas”, de Cabul para o Talibã, na província vizinha de Logar.<sup>108</sup> Tais ocorrências contribuíram para as alegações que “a corrupção crescente no governo e no Exército nacional está aumentando a base de poder do Talibã”.<sup>109</sup>

Outros grupos elogiam o Exército por sua disposição em aprender e por seu desempenho valente no campo. O Capitão Matthew Williams se impressionou com o progresso do Exército. “O ponto alto do meu rodízio foi descobrir que

o ANA que ajudamos a treinar tinha capturado um líder-chave do Talibã, o que realmente mostra o progresso que foi feito”, disse o fuzileiro naval britânico. “Nós os adestramos e, depois, eles concluíram a operação sozinhos; é algo realmente gratificante de se ver”.<sup>110</sup> Mesmo assim, há problemas de sobra para os futuros instrutores, incluindo as diferenças culturais; os mal-entendidos ocasionados por éticas de trabalho diferentes aplicadas a coisas como a manutenção de equipamento; barreiras linguísticas; e a capacidade do soldado afegão comum de absorver e agir com base em informações e tomar decisões.<sup>111</sup>

Talvez o Exército afegão seja jovem e assolado por muitos problemas, mas é, atualmente, a única ferramenta eficaz do governo central. Antes das eleições presidenciais em setembro de 2004, o Exército desdobrou dois *kandaks* para a província ocidental de Herat como uma demonstração de força para conter as facções rivais que ameaçavam a estabilidade pré-eleitoral. Dois anos depois, unidades do Exército foram enviadas mais uma vez para Herat, quando confrontos violentos estouraram entre os grupos de milícia comandados por Arbab Baseer e Amanullah Khan no distrito de Shindand. A ordem foi estabelecida depois da chegada do Exército, mas não antes que 32 pessoas fossem mortas e muitas outras feridas.<sup>112</sup> Um tenente afegão concluiu: “O

Sem elas, o ANA não se ergueria sozinho”.<sup>113</sup> A primeira declaração salienta o otimismo entre o Exército afegão, mas a última articula uma verdade incômoda.

Para conseguir a prontidão operacional para assumir o controle da segurança do Afeganistão, o Exército precisa de ajuda material substancial e constante, bem como mentores para erradicar as tradições aparentemente imutáveis como a divisão entre os oficiais e os sargentos. Até agora, as parcerias e a orientação da Isaf imbuíram o Exército de valiosas habilidades, experiências e compreensão de como as forças militares profissionais conduzem operações. Na capital afegã, as operações combinadas capacitaram unidades mistas de pessoal da Isaf e do Exército afegão a guarnecer postos de controle e executar buscas de pessoal e veículos.<sup>114</sup> Na província de Uruzgan, a equipe holandesa de ligação e orientação realizou programas de formação de multiplicadores em parceria com instrutores seletos do Exército afegão. “Os instrutores do ANA são mais que qualificados para apresentar e administrar esse curso”, disse o major holandês Marloes Visser. “Essa é mais uma forte indicação da crescente força do ANA”.<sup>115</sup> Em Cabul, não é a coalizão, mas os afegãos que treinam os seus compatriotas, sendo quase todas as aulas lideradas por afegãos.<sup>116</sup>

Enquanto isso, na província de Zabul, no sudeste, a cooperação íntima entre as forças romenas e afegãs resultou em centenas de patrulhas de segurança combinadas e no estabelecimento de uma força de reação rápida conjunta capaz de prestar assistência imediata em toda a província. “Embora haja diferenças de tática, idioma, equipamento e cultura, a nossa missão geral — proporcionar um ambiente de segurança ao povo de Zabul — é a mesma. É essa meta geral que nos une”, disse o capitão romeno Mihai Marius.<sup>117</sup>

Onde não houve orientação, o crescimento do Exército se tornou lento, parou e, em alguns casos, retrocedeu. Engenheiros do Exército dos EUA treinaram sapadores afegãos “com ênfase na guerra de minas, demolições básicas e construção de combate [voltada aos obstáculos de arame e posições de sobrevivência]”.<sup>118</sup> Começaram a surgir problemas quando os sapadores foram desdobrados para suas áreas de operações respectivas e, devido à falta de treinamento

---

***O povo tem mais medo da Polícia do que do Talibã e, até que possamos resolver isso, será um caminho longo.***

Exército Nacional Afegão é a espinha dorsal deste país e do nosso presidente. O governo central pode se defender agora”.

No entanto, outro oficial ofereceu uma avaliação mais sombria, dizendo: “Uns poucos meses de treinamento não transformarão um jovem afegão analfabeto em um soldado. Construir um Exército leva tempo. As forças militares dos EUA são a espinha dorsal do ANA.

coletivo e à escassez de habilidades de gestão de projetos, sua capacidade de contribuir para a missão geral foi severamente limitada. As companhias de sapadores acabaram sendo utilizadas como infantaria em vez de engenheiros, uma ação tomada, sem dúvida, por causa da falta de força de mão-de-obra devido a questões de preenchimento de cargos e de ausência sem licença.<sup>119</sup>

A orientação contínua é essencial para o amadurecimento do Exército afegão. A abordagem de participação ativa permitiu aos afegãos ganhar confiança no próprio Exército e mostrar aos locais os grandes avanços feitos. “Se uma fração nossa sai, um pelotão deles sai; se um pelotão nosso sai, uma companhia deles sai”, disse um soldado da Guarda Nacional do Estado de Connecticut. “Não entraremos em um complexo sozinho. Já não derrubamos portas a pontapés; aqueles dias se foram. Eles derrubam ou batem na porta. Proporcionamos a segurança adicional — as grandes armas para que ninguém mexa com eles”.<sup>120</sup> Outro mentor concordou que “É melhor que o ANA faça de sua maneira do que nós lhe digamos como fazê-lo”.<sup>121</sup>

O combate é apenas uma das várias habilidades exigidas das forças militares e, portanto, o Exército treinou para operações além da guerra. No início de 2006, o 203º Corpo conduziu o primeiro Programa de Assistência Médica Civil, na província de Khost, no sul, para testar o sistema de apoio e fomentar a confiança no Exército e em suas capacidades.<sup>122</sup> Durante as chuvas torrenciais que levaram a muitas enchentes por todo o Afeganistão em 2007, o Exército foi essencial para o sucesso das operações humanitárias e de socorro em caso de desastre. Agora tais operações são de costume para ele.

Em julho de 2007, o Exército alcançou um marco quando o General Abdul Khaliq, Comandante do 203º Corpo, tornou-se o general comandante durante a Operação *Maiwand* no reduto do Talibã no distrito de Andar, na província de Ghazni. Sua missão envolveu mais de 1.000 militares afegãos e 400 militares americanos, sendo a primeira operação de grande escala planejada e executada pelos afegãos. Os planejadores do estado-maior afegão ganharam confiança e experiência valiosa em comando e controle, o que hoje lhes permite liderar dois terços das operações em que estão

envolvidos e continuar a “afeganização” das operações militares, algo que “é essencial para que os problemas de baixas civis seja abordado de forma eficaz”.<sup>123</sup> Os comandantes americanos elogiaram a melhora contínua do Exército afegão, mas advertiram cautelosamente contra expectativas exageradas, uma vez que o Exército ainda depende fortemente do apoio aéreo, médico e logístico da coalizão.<sup>124</sup>

Mesmo assim, a confiança imbuída em unidades calejadas pelo combate capacitou o Exército a evoluir, tomando como base experiências passadas, e a desempenhar papéis-chave nas inúmeras operações contra redutos do Talibã no sul do Afeganistão. Em agosto de 2007, o Exército planejou e executou seu primeiro exercício de armas combinadas de tiro real, que testou a capacidade de sua infantaria e de seus blindados em diversos cenários de combate desafiadores, apoiados por sua própria artilharia e meios médicos e aéreos.<sup>125</sup> Mais recentemente, assumiu a responsabilidade de imprimir o material necessário para a administração, adestramento, recrutamento e apoio logístico.<sup>126</sup>

Infelizmente, uma Polícia Nacional Afegã não profissional e corrupta aumentou o ônus do Exército de manter a segurança. Segundo consta, durante os distúrbios de Cabul, em maio de 2006, policiais afegãos abandonaram suas posições, e alguns até tiraram o uniforme e se juntaram aos saqueadores violentos.<sup>127</sup> Enquanto os desordeiros tomavam conta das ruas, oficiais do Ministério do Interior encarregados da polícia “tiraram os telefones do gancho, e o [presidente] Karzai só foi fazer uma declaração pública na TV depois que os distúrbios, que duraram mais ou menos oito horas, já haviam passado”.<sup>128</sup> No final, a presença do Exército afegão acalmou a situação. Os residentes de Cabul disseram que a formação do Exército foi a única “coisa boa” que o presidente Karzai fez até agora no seu mandato. “Agora os soldados estão aqui. A polícia não pode roubar e perturbar o povo, e nos sentimos seguros!” exclamou um lojista em Cabul.<sup>129</sup>

“O povo tem mais medo da Polícia do que do Talibã e, até que possamos resolver isso, será um caminho longo” disse um capitão dos EUA.<sup>130</sup> “Na maior e mais abrangente pesquisa de opinião pública já conduzida no Afeganistão” (pela Asia Foundation, entre junho e agosto de

2006), 87% dos 6.226 respondentes disseram confiar no Exército, à frente da Polícia afegã (surpreendentemente, com 86%), mídia eletrônica (84%), mídia impressa (77%), organizações não-governamentais (57%), partidos políticos (44%), sistema judiciário (38%) e milícias locais (31%).<sup>131</sup> Ao mesmo tempo, o público vê o Exército afegão como a instituição menos corrupta no país.<sup>132</sup>

O atrito entre a Polícia e o Exército resultou, às vezes, em confrontos armados entre os dois. Um acidente que envolveu seus veículos na província de Parwan, no norte, provocou uma discussão acirrada e a troca de tiros, durante a qual os soldados mataram um policial.<sup>133</sup> Um mês depois, na província de Ghazni, no sul, os soldados e policiais quase partiram para a briga quando moradores locais espancaram um policial acusado de roubar um lojista. A Polícia ficou do lado do guarda acusado enquanto o Exército se alinhou com os moradores. A tensão foi aumentando com a chegada de mais membros dos dois lados. Seguiram-se tiros de advertência, e a tensão cresceu quando “os gritos se intensificaram, seguidos pelo som inconfundível de numerosos fuzis sendo preparados e carregados”.<sup>134</sup> Uma troca de tiros foi por pouco evitada graças às ações de soldados americanos na vizinhança.

O Coronel Matiollah Khan, um combatente destemido com grande experiência em conseguir o controle das estradas principais nas províncias inquietas de Uruzgan, Helmand e Kandahar, descreve o Exército e Polícia afegãos como parceiros de segurança próximos, afirmando que nunca houve qualquer sinal de atrito nas operações de que participou.<sup>135</sup> O grau de hostilidade entre as duas forças pode ser difícil de medir, mas a verdade incontestável é que, em lugares onde existe uma lacuna de segurança, os elementos antigoverno criam uma infraestrutura semigovernamental paralela, que ameaça a democracia e a estabilidade do Afeganistão. Quando aliada à corrupção no governo e à crescente falta de confiança do povo, o futuro do Afeganistão está em uma situação perigosa.<sup>136</sup>

O Afeganistão busca a cooperação mais estreita com seus vizinhos, bem como equipamento, mentores e ajuda dos parceiros internacionais. Durante uma visita a uma instalação de adestramento do Exército com

o Secretário de Defesa dos EUA Robert Gates em meados de 2007, o General Khan observou que o Afeganistão não estava recebendo cooperação suficiente do Paquistão na troca de informações e exercícios de adestramento combinados. “Temos um relacionamento, claro, sob a coordenação dos Estados Unidos”, disse Khan, “mas a cooperação de que precisamos, infelizmente, não a recebemos”.<sup>137</sup> Esses comentários foram feitos depois que uma equipe de Inteligência combinada da Otan, Afeganistão e Paquistão começou a operar em Cabul, no início de 2007, para melhorar a troca de informações. Sendo a infiltração através da fronteira um obstáculo permanente para a segurança afegã, o Ministro Wardak propôs, recentemente, a criação de uma força-tarefa combinada para que a coalizão, Afeganistão e Paquistão possam operar nos dois lados da fronteira, não importa o lado”.<sup>138</sup>

O Exército estará pronto para assumir a responsabilidade pela segurança e cumprir seu papel como sentinela da democracia afegã? Ainda não é possível dizer. Notícias de atos heróicos no campo de batalha e a ânsia genuína de seus jovens recrutas em fazer a diferença no futuro do país se misturam com alegações de abuso de drogas e negligência dos deveres, retratando o Exército como uma força “doida para atirar” e indisciplinada. Poderá agir de forma independente, sem o apoio da coalizão, se as tropas da Isaf se retirarem? O General Tim Grant, ex-Comandante das Forças Canadenses no Afeganistão, proporcionou uma avaliação sincera: “Podemos consertá-lo em dois anos? Não tenho certeza. Sem dúvida, podemos torná-los bem melhores do que são agora em dois anos, e é esse o nosso foco no momento”.<sup>139</sup>

## Conclusão

O Exército afegão é um farol de esperança e um exemplo brilhante do que os afegãos podem realizar com a cooperação e a coesão étnica. Fez um progresso fenomenal e melhoras tremendas desde a sua formação, mas ainda há muitos problemas a resolver para que se torne o protetor da democracia e da integridade territorial afegã. Não é surpresa que as soluções para essas questões estejam nas mãos tanto dos afegãos quanto da comunidade internacional.

Os afegãos, muitas vezes, se veem em um beco sem saída. Querem aumentar o salário dos soldados, mas as restrições orçamentárias os limitam; buscam mais responsabilidade operacional, mas descobrem que suas forças carecem de pessoal e equipamentos suficientes. Tentam equilibrar a quantidade e a qualidade do Exército em um ambiente de recursos limitados.

Só os próprios afegãos podem diminuir o índice de absenteísmo e melhorar as taxas de retenção dos soldados. Da mesma forma, a disciplina e o profissionalismo só podem ser infundidos em uma instituição pelas pessoas que a definem: os oficiais e os homens do Exército. Só os afegãos podem erradicar normas culturais negativas, como a divisão entre os sargentos e os oficiais; inculcar a lealdade à ética nacional, em vez de crenças tribais; e estancar o êxodo sazonal de pessoal, que reduz a capacidade operacional do Exército. Só os afegãos podem dar alma ao seu Exército.

A comunidade internacional deve perceber duas verdades muito importantes. Primeiro, o Exército afegão precisará de apoio financeiro, assessoramento profissional e parcerias militares por muitos anos. Três décadas de combate fizeram do Afeganistão o que ele é hoje, e fazer o país dar a reviravolta pode levar o mesmo número de anos de paz. Nenhum marco superficial ou declaração de capacidade de força será capaz de esconder deficiências operacionais, caso as forças da coalizão deixem os afegãos para que atuem sozinhos. Basta lembrar do Exército da República do Vietnã e da sorte do Vietnã do Sul durante a Segunda Guerra da Indochina. Orientar o Exército vai além de simplesmente mostrar aos afegãos o que fazer: exige o desenvolvimento do respeito mútuo; a preparação dos soldados para

serem mentores; e o entendimento da cultura, religião e normas sociais locais. Manter a parceria entre a coalizão e o Exército afegão exige muita paciência. Os soldados de forças militares com histórias longas e estabelecidas esperam, muitas vezes, que um Exército de apenas seis anos possua valores que levam uma geração para construir. Contudo, é apenas por meio da orientação e da parceria paciente que os segundos-tenentes recém-formados e os soldados novatos de hoje serão capazes de liderar o Exército afegão profissionalmente como os oficiais gerais e os suboficiais de amanhã. Forçar o Exército a assumir responsabilidades demais enquanto ainda está despreparado para isso não é uma estratégia de saída. É uma receita para o desastre e um convite para fazer tudo de novo em algum momento no futuro.

Segundo, a criação, a orientação e a parceria com um Exército afegão pronto no aspecto operacional não são de responsabilidade exclusiva dos Estados Unidos. Todos os parceiros da coalizão devem desempenhar papéis ativos, desde contribuir com equipamentos e fornecer a educação até executar o adestramento combinado com unidades do Exército nas províncias. A ajuda irrelevante ou incompatível simplesmente cria mais atrito e impede o progresso do Exército. Como o secretário Gates explicou apropriadamente: “Daqui para frente, não se deve deixar o sucesso que o Afeganistão conquistou escapular pela negligência ou falta da vontade ou resolução política. Afinal, o Afeganistão é uma missão em que não há praticamente disputa alguma sobre sua justiça, necessidade ou legitimidade internacional. Nosso fracasso em completar o trabalho seria um sinal de vergonha”.<sup>140</sup> **MR**

## REFERÊNCIAS

1. EIKENBERRY, General Karl (ex-Comandante do Comando das Forças Combinadas no Afeganistão — CFC-A). Entrevista concedida à imprensa, 16 de janeiro de 2007, Cabul, Afeganistão.
2. BARNO, David. “Challenges in Fighting a Global Insurgency”, *Parameters* (Verão de 2006), pp. 15-29.
3. “NATO Supreme Commander Praises Progress of Afghan Army”, *Washington Files*, 21 de setembro de 2006.
4. O’BALANCE, Edgar. *Afghan Wars: Battles in a Hostile Land: 1839 to the Present* (Bassey’s, London, 2002), p. 75.
5. AMSTUTZ, J. Bruce. *Afghanistan: The First Five Years of Soviet Occupation* (National Defense University Publications, Washington DC, 1986), p. 21.
6. O’BALLANCE, op. cit., p. 76.
7. AMSTUTZ, op. cit., pp. 21-2.
8. HYMAN, Anthony. *Afghanistan under Soviet Domination, 1964-91* (Mac-Millan Academic and Professional Ltd, London, 1992), pp. 29-30, 151, 155, 264.

9. AMSTUTZ, op. cit., pp. 21-2; e HYMAN, op. cit., 29-30.
10. HYMAN, op. cit., p. 29; e TANNER, Stephen. *Afghanistan: A Military History, from Alexander the Great to the Fall of the Taliban* (Da Capo Press, New York, 2002).
11. BRADSHER, Henry S. *Afghanistan and the Soviet Union* (Duke University Press, Durham, 1985), p. 28.
12. HYMAN, op. cit., pp. 30, 155.
13. *Ibid.*, pp. 94, 230.
14. *Ibid.*, p. 147.
15. *Ibid.*, pp. 147-8.
16. “Five-Year Strategic Benchmarks—National Defence”, Website do Presidente do Afeganistão, disponível em: [www.president.gov.af/english/security.msp](http://www.president.gov.af/english/security.msp).
17. JALALI, Ali A. “Rebuilding Afghanistan’s National Army”, *Parameters* (Outono de 2002), pp. 72-86.

18. Ibid.
19. Gabinete do Vice-Secretário de Defesa, “DoD News Briefing with Major General Durbin”, *Public Affairs*, (U.S. Department of Defense), 13 de julho de 2006; e J5 Branch (CSTC-A), “CSTC-A Key ANA Data Points”, 3 de novembro de 2006.
20. CONE, Robert. “Afghanistan National Security Forces Update”, *Foreign Press Center DVC Briefing* (U.S. Department of State), 22 de julho de 2008; e MCCORMACK, Sean. “Afghanistan National Army Expansion”, *Press Statement* (U.S. Department of State), 10 de setembro de 2008. Para uma comparação com o Exército Nacional sob a República Democrática do Afeganistão, consulte AMSTUTZ, op.cit., pp. 180-9.
21. GARAMONE, Jim. “Pace Pleased with Progress at Afghan Training Center”, *American Forces Press Service*, 23 de abril de 2007; e J5 Branch (CSTC-A), “CSTC-A Key ANA Data Points”. O Equilíbrio Étnico é definido como +5% da meta definida para refletir a composição étnica da sociedade afegã.
22. DOUGHERTY, Kevin. “Despite obstacles, Air Force has support”, *Stars and Stripes*, 7 de maio de 2007; ISAF Public Information Office (PIO), “First joint training with Afghan helicopters”, *Release no. 2007-540*, 15 de julho de 2007; DEL VECCIO, Beth. “Snapshot of Progress: ANAAC Emergency Response Exercise”, *The Enduring Ledger* (publicação do Comando Conjunto de Transição de Segurança no Afeganistão) (Setembro de 2008), p. 13; e MILES, Donna. “Afghan National Army Air Corps Increases Capability”, *American Forces Press Service*, 15 de setembro de 2008. Para uma comparação com a Força Aérea sob a República Democrática do Afeganistão, consulte AMSTUTZ, op. cit., pp. 157, 186; e HYMAN, op.cit., pp. 151, 264.
23. TOUZEAU, Tim. “Air Corps tours new home, \$182 million facility”, *CSTC-A News*, 20 de outubro de 2007; SCHWARTZ, Joey e ALBERDESTON, Sonny. “Building Air Power for Afghanistan”, *The Phoenix Patriot* (publicação da CJTF-Phoenix) (Janeiro de 2008), pp. 4-5; e MILES, “Afghan National Army Air Corps Increases Capability”.
24. Ibid.
25. PESSIN, Al. “Afghan General Wants Special Forces To Fight Terrorists”, *Voice of America*, 4 de maio de 2006.
26. PUGLIESE, David. “Canada may supply Afghan military with Leopard tanks”, *CanWest News Service*, 21 de maio de 2007.
27. *Report on Progress toward Security and Stability in Afghanistan*, junho de 2008, p. 16, disponível em: [http://www.defenselink.mil/pubs/Report\\_on\\_Progress\\_toward\\_Security\\_and\\_Stability\\_in\\_Afghanistan\\_1230.pdf](http://www.defenselink.mil/pubs/Report_on_Progress_toward_Security_and_Stability_in_Afghanistan_1230.pdf); e CONE, “Afghanistan National Security Forces Update”.
28. MCCAFFREY, Barry R. “Academic Report—Trip to Afghanistan and Pakistan (19-26 de maio)” em Memorando para: Cel Mike Messe e Cel Cindy Jebb, 3 de junho de 2006, p. 6.
29. Ibid., p. 7.
30. Gabinete do Porta-voz, “Total U.S. Security and Reconstruction Assistance to Afghanistan”, *Fact Sheet* (U.S. Department of State), 10 de junho de 2008.
31. BELASCO, Amy. *The Cost of Iraq, Afghanistan, and Other Global War on Terror Operations Since 9/11* (CRS Report for Congress, 14 de julho de 2008), p. 19.
32. *Afghanistan National Development Strategy: Summary Report*, (2006), pp. 10, 27, disponível em: [http://www.and.s.gov.af/admin/ands/ands\\_docs/upload/UploadFolder/I-ANDS%20Summary%20Report%20-%20Final%20English.pdf](http://www.and.s.gov.af/admin/ands/ands_docs/upload/UploadFolder/I-ANDS%20Summary%20Report%20-%20Final%20English.pdf); e JALALI, Ali A. “The Future of Afghanistan”, *Parameters* (Primavera de 2006), pp. 4-19.
33. Transcrição do depoimento prestado pelo Professor Ali Jalali, Near East South Asia Center for Strategic Studies, National Defense University, ao Comitê das Forças Armadas da Câmara dos Representantes em 30 de janeiro de 2007, disponível em: [www.ndu.edu/nesa/docs/webfile/jalalitestimony30jan07.pdf](http://www.ndu.edu/nesa/docs/webfile/jalalitestimony30jan07.pdf); e *United States Plan for Sustaining the Afghanistan National Security Forces*, Junho de 2008, p. 10, disponível em: [http://www.defenselink.mil/pubs/United\\_States\\_Plan\\_for\\_Sustaining\\_the\\_Afghanistan\\_National\\_Security\\_Forces\\_1231.pdf](http://www.defenselink.mil/pubs/United_States_Plan_for_Sustaining_the_Afghanistan_National_Security_Forces_1231.pdf).
34. NELSON, Margaret C. “209th Rolls Out the Red Carpet for President”, *The Phoenix Patriot* (Março de 2007), p. 5.
35. BALDAUF, Scott. “A ‘half full’ Afghan army”, *The Christian Science Monitor*, 10 de fevereiro de 2006.
36. WOOD, Sara. “U.S. Leaders: NATO Must Do More in Afghanistan”, *American Forces Press Service*, 13 de fevereiro de 2007.
37. Transcrição do depoimento prestado por Mary Beth Long, Principal Subsecretária Adjunta de Defesa para Assuntos de Segurança Nacional, ao Comitê das Forças Armadas da Câmara dos Representantes dos EUA em 13 de fevereiro de 2007, disponível em: [armedservices.house.gov/pdfs/FC\\_Afghan021307/Long\\_Testimony021307.pdf](http://armedservices.house.gov/pdfs/FC_Afghan021307/Long_Testimony021307.pdf).
38. *U.S. Plan for Sustaining the A.N.S.F.*, p. 19.
39. MONIR, Makia. “Minister acknowledges strength of Taliban”, *Pajhwok Afghan News*, 18 de março de 2007.
40. “Defence minister says Afghan army must be 5 times larger”, *The Associated Press (AP)*, 12 de julho de 2006; MOAHID, Ahmad Khalid. “Qanuni for a stronger military to counter terrorism”, *Pajhwok Afghan News*, 31 de outubro de 2006; BURNS, Robert. “Iranian Weapons Found in Afghanistan”, *AP*, 4 de junho de 2007; e MOAHID, Ahmad Khalid. “550 Afghan Army officers awarded certificates”, *Pajhwok Afghan News*, 15 de junho de 2007.
41. KILBRIDE, Tim. “As Afghan Troops Build Capacity, Decisive Battles Loom”, *American Forces Press Service*, 2 de março de 2007.
42. KRANE, Jim. “Afghan Army to Strike Taliban in Winter”, *The Washington Post*, 19 de novembro de 2006; MILES, Donna. “Afghan Official Urges Faster Timetable for Training, Equipping Afghan Forces”, *American Forces Press Service*, 21 de novembro de 2006; e GARAMONE, “Pace Pleased with Progress at Afghan Training Center”.
43. GARAMONE, Jim. “Pace: U.S. Working to Send More Training Support to Afghanistan”, *American Forces Press Service*, 19 de julho de 2007; e Report on Progress toward Security and Stability in Afghanistan, p. 17.
44. EVANS, Michael. “Afghan security handover is on track for 2008, says NATO”, *The Times*, 29 de novembro de 2006.
45. LEITHEAD, Alastair. “Afghans take over Kabul security”, *BBC*, 28 de agosto de 2008.
46. “Coalition Forces Information”, *Task Force Phoenix Website*, disponível em: <http://www.taskforcephoenix.com/cofor.htm>.
47. VOTROUBEK, David M. “An OMLT takes to the field”, *The Enduring Ledger* (Janeiro de 2008), p. 13; e NEWBORN, Tim. “ANA hosts ribbon cutting for the first NCO academy”, *The Phoenix Patriot* (Março de 2008), p. 5.
48. VALDESPINO, Luis P. Jr. “ANA graduates 700 basic trainees” e “In the lead: Mentors take back seat as Afghan drill sergeants step up to mold new recruits”, *The Enduring Ledger* (Outubro de 2007), pp. 8, 12.
49. BROWN, Raymond. “Canadian Soldiers Train the Afghan National Army”, *National Defence and the Canadian Forces (N.D.C.F) Website*, 13 de junho de 2005, disponível em: [www.forces.gc.ca/site/Feature\\_Story/2005/06/13\\_f\\_e.asp](http://www.forces.gc.ca/site/Feature_Story/2005/06/13_f_e.asp); e DESROCHERS, André. “First Afghan Soldiers Graduate Canadian-run Training Centre”, *N.D.C.F Website*, 25 de julho de 2005, disponível em: [www.forces.gc.ca/site/Feature\\_Story/2005/07/25\\_f\\_e.asp](http://www.forces.gc.ca/site/Feature_Story/2005/07/25_f_e.asp).
50. *Report on Progress toward Security and Stability in Afghanistan*, p. 17.
51. “Former Afghan Military Officers take test to rejoin Army”, *Afghan State TV*, 21 de novembro de 2006.
52. BARTELT, Eric S. “Afghan National Ready to Begin West Point Experience”, *Pointer View* (United States Military Academy) 24 de junho de 2005.
53. ISAF PIO, “Turkey Donates Military Equipment”, *Release no. 2007-210*, 20 de março de 2007.
54. J5 Branch (CSTC-A), “CSTC-A Key ANA Data Points”.
55. O’CONNOR, Danny. “Sandhurst in the Sand”, Afghan National Army Officer Training Team (ANAOTT) e Officer Candidate School (OCS), 2006, disponível em: [www.army.mod.uk/linked\\_files/gurkhas/ANAOTT1.doc](http://www.army.mod.uk/linked_files/gurkhas/ANAOTT1.doc); e DI LEONARDO, Charles. “Training the Afghan National Army”, *Infantry Magazine*, 1º de março de 2005.
56. Conversa do autor com o ministro de defesa afegão, Abdul Rahim Wardak, no Ministério de Defesa, em Cabul, no Afeganistão em 23 de julho de 2006.
57. “Indian Army to Train Afghanistan, Uzbekistan Armed Forces”, *India Defence*, 24 de abril de 2007, disponível em: [www.e-ariana.com/ariana/ariana.nsf/allDocs/53AF0A109DA7602E872572C700687F76?OpenDocument](http://www.e-ariana.com/ariana/ariana.nsf/allDocs/53AF0A109DA7602E872572C700687F76?OpenDocument).
58. “Afghan War College—Open for Training”, *The Phoenix Patriot* (6 de novembro de 2006), pp. 1, 3.
59. TYSON, Ann Scott. “Desertions Deplete Afghan Army”, *The Christian Science Monitor*, 17 de dezembro de 2003.
60. “Afghanistan—Army”, *GlobalSecurity.org*, 7 de agosto de 2005, disponível em: [www.globalsecurity.org/military/world/afghanistan/army.htm](http://www.globalsecurity.org/military/world/afghanistan/army.htm).
61. O’CONNOR, op. cit.
62. FERNANDEZ, Annie. “Afghan troops in peril”, *The London Free Press*, 26 de outubro de 2006.
63. ZUCCHINO, David. “It’s Starting to Look a Lot Like an Army”, *The Los Angeles Times*, 22 de agosto de 2006.
64. ZUCCHINO, David. “Afghan Army Could Help Unify a Nation”, *The Los Angeles Times*, 13 de novembro de 2006; e KRANE, op. cit.
65. DOUGHERTY, Kevin. “Process aims to keep the bad guys out of new force”, *Stars and Stripes*, 7 de maio de 2007.
66. BALDAUF, Scott. “A ‘Half Full’ Afghan Army”, *The Christian Science Monitor*, 10 de fevereiro de 2006.
67. BYROM, Jonathan e PARKER, Aaron. “The First Afghan National Army T-62 Tank Gunnery”, *Armor Journal* (Janeiro-Fevereiro de 2004); e DI LEONARDO, op. cit.
68. DI LEONARDO, op. cit.
69. “Afghan army troops complain of low wages, equipment shortage”, *Pajhwok Afghan News*, 14 de agosto de 2005; e *U.S. Plan for Sustaining the A.N.S.F.*, p. 17.
70. ZUCCHINO, “It’s Starting to Look a Lot Like an Army”.
71. DI LEONARDO, op. cit.
72. Ibid.
73. GARAMONE, Jim. “Afghan Sergeant Major Shows Way Ahead for

- Fledgling Army”, *American Forces Press Service*, 11 de agosto de 2006.
74. *Ibid.*
75. RHEM, Kathleen T. “Afghan Sergeant Major Making Inroads for NCO Corps in Fledgling Army”, *American Forces Press Service*, 23 de novembro de 2006; e SEYMOUR, Brian P. “Turning heads: Sergeant major of the ANA continues to impress coalition”, *The Enduring Ledger* (Outubro de 2007), p. 13.
76. DI LEONARDO, op. cit.
77. MORARJEE, Rachel. “Taliban Goes for Cash Over Ideology”, *Financial Times*, 25 de julho de 2006.
78. J5 Branch (CSTC-A), “CSTC-A Key ANA Data Points”, *Report on Progress toward Security and Stability in Afghanistan*, p. 20.
79. Conversa do autor com o Chefe das Operações do ANA, General Sher Mohammad Karimi, no Ministério de Defesa, Cabul, Afeganistão, em 26 de novembro de 2006.
80. PAZIRA, Nelofer. “Return to Kandahar: The Taliban Threat”, *The Independent*, 22 de agosto de 2006; e HASTINGS, Max. “The World Cannot Walk Out on Afghanistan”, *The Guardian*, 12 de setembro de 2006.
81. MORARJEE. “Taliban Goes for Cash Over Ideology”, e “Taliban Offers Fighters More Money”, *United Press International*, 26 de julho de 2006.
82. *Ibid.*
83. Conversa do autor com o conselheiro ministerial de Assuntos Tribais, H. E. Jan Mohamed Khan, durante a visita deste ao Centro para Estudos de Paz e Conflito (*Centre for Peace and Conflict Studies — CAPS*), Cabul, no Afeganistão em 17 de julho de 2006. Traduzido de pacho para o inglês por Hekmat Karzai, Diretor do CAPS.
84. Entrevista com o Ten Cel Nick Crosby (Exército dos EUA) e com o Ten Cel Jeff Waechter (Força Aérea dos EUA), J5 Branch, CSTC-A no Campo Eggers, Cabul, no Afeganistão em 15 de setembro de 2006.
85. “Tanks, More Troops to Afghanistan”, *Canadian Press*, 15 de setembro de 2006.
86. Entrevista com Crosby e Waechter.
87. BUERK, Roland. “Desertions Blow Hits Afghan Army”, *BBC*, 9 de junho de 2005; e KRANE, “Afghan Army to Strike Taliban in Winter”.
88. RHEM, Kathleen T. “U.S. Soldiers Work With Afghan Army to Fortify, Instill Discipline”, *American Forces Press Service*, 24 de novembro de 2006.
89. Observações do General Robert Durbin durante a Reunião de Comandantes de Equipes Provinciais de Reconstrução no quartel-general da ISAF (Cabul, no Afeganistão em 13 de novembro de 2006).
90. “Sixteen ‘Foreigners’ Amongst Killed in Clash in South Afghan Province”, *Pajhwok Afghan News*, 26 de setembro de 2006; e DEL VECCHIO, Beth. “New ANA re-contracting regulation strengthens ranks”, *The Enduring Ledger* (Setembro de 2008), p. 5.
91. “U.S. Transfers Humvees, Weapons to Afghan National Army”, *American Forces Press Service*, 6 de fevereiro de 2007; “NATO support to Afghan National Army (ANA)”, *NATO Fact sheets* (Junho e Dezembro de 2007, Fevereiro de 2008); e *U.S Plan for Sustaining the A.N.S.F.*, pp. 10, 17.
92. TYSON, Ann Scott. “Desertions Deplete Afghan Army”, *The Christian Science Monitor*, 17 de dezembro de 2003.
93. GARAMONE, Jim. “Afghan Security Forces Making Strides, Addressing Problems”, *American Forces Press Service*, 13 de julho de 2006; e *U.S Plan for Sustaining the A.N.S.F.*, p. 19.
94. Depoimento de Mary Beth Long perante o Comitê das Forças Armadas da Câmara dos Representantes dos EUA; e *U.S Plan for Sustaining the A.N.S.F.*, p. 17.
95. ISAF PIO, “Corps Commanders Convene at Herat Conference”, *Release no. 2007-173*, 11 de março de 2007.
96. CHURCH, Robert. “Unprecedented Trial in 201st Corps Sets Judicial Standards”, *The Phoenix Patriot* (Janeiro de 2007), pp. 1, 3.
97. BAILEY, Sue. “Afghan Army ‘Wafer Thin’”, *Canadian Press*, 5 de novembro de 2006.
98. KILBRIDE, op. cit.
99. BAKER, Aryn. “Can the Afghans Defend Themselves?” *Time Magazine*, 3 de janeiro de 2007.
100. *Ibid.*
101. HARDING, Thomas. “Afghan Army ‘is Weak under Fire’”, *The Telegraph*, 15 de agosto de 2006; e NEWBORN, Tim. “Afghan, Coalition senior enlisted advisors strive for a stronger ANA”, *The Enduring Ledger* (Junho de 2008), p. 4.
102. HARDING, “Afghan Army ‘Is Weak Under Fire’”; e “Afghan Army ‘Taking Drugs’ Says British Soldier”, *Daily Mail*, 14 de agosto de 2006.
103. “Operations in Afghanistan: British Forces”, *Defence Factsheet*, 6 de novembro de 2006, disponível em: [www.mod.uk/DefenceInternet/FactSheets/OperationsFactsheets/OperationsInAfghanistanBritishForces.htm](http://www.mod.uk/DefenceInternet/FactSheets/OperationsFactsheets/OperationsInAfghanistanBritishForces.htm).
104. BAKER, op. cit.
105. HARDING, “Afghan Army ‘Is Weak Under Fire’”; e “Afghan Army ‘Taking Drugs’ Says British Soldier”.
106. “Afghan Soldier Kills 2 U.S. Troops Outside Top-security Jail”, *CNN*, 6 de maio de 2007.
107. BISHOP, Patrick. “We’re on the Way to Defeating Taliban”, *The Telegraph*, 12 de setembro de 2006.
108. “Afghan Officers Arrested for Smuggling Weapons to Taliban”, *Xinhua News Agency*, 22 de setembro de 2006.
109. LOYN, David. “Travelling with the Taleban”, *BBC*, 24 de outubro de 2006.
110. “Marine Ends Tour Impressed by Afghan Army He Helped Train”, *Defence News*, 21 de março de 07, disponível em: [www.mod.uk/DefenceInternet/DefenceNews/PeopleInDefence/MarineEndsTourImpressedByAfghanArmyHeHelpedTrain.htm](http://www.mod.uk/DefenceInternet/DefenceNews/PeopleInDefence/MarineEndsTourImpressedByAfghanArmyHeHelpedTrain.htm).
111. “Marine Ends Tour Impressed by Afghan Army He Helped Train”, e VALDESPINO, Luis P. Jr. “Afghan officers take control in Afghanistan”, *CSTC-A News*, 24 de janeiro de 2008.
112. HAMIM, Javid. “Fresh troops deployed in Herat”, *Pajhwok Afghan News*, 23 de outubro de 2006.
113. KAZEM, Halima. “New Afghan Army Asserts Itself”, *The Christian Science Monitor*, 23 de agosto de 2004.
114. ISAF PIO, “Joint ISAF, ANA Training in RC-C”, *Release no. 2007-118*, 21 de fevereiro de 2007.
115. ISAF PIO, “Afghan National Army Training Takes Place at Camp Holland”, *Release no. 2007-204*, 19 de março de 2007.
116. GARAMONE, “Pace Pleased with Progress at Afghan Training Center”.
117. ISAF PIO. “ISAF’s Romanian Forces Working Closely with ANSF”, *Release no. 2007-278*, 7 de abril de 2007.
118. NICHOLS, Eric. “Engineer Mobile Training Team: Standing up the Afghan National Army Engineering School”, *Engineer* (Julho-Setembro de 2005).
119. Observações do Brigadeiro Dickie Davis, engenheiro-chefe, ISAF IX, na Reunião dos Comandantes das Equipes Provinciais de Reconstrução Combinadas no quartel-general da ISAF (Cabul, no Afeganistão) em 13 de novembro de 2006.
120. RHEM, Kathleen T. “U.S. Military Operations Evolve as Afghan Army Becomes More Capable”, *American Forces Press Service*, 24 de novembro de 2006.
121. VALDESPINO, Luis P. Jr. “ETT stands back as ANA shows presence in village”, *CSTC-A News*, 24 de janeiro de 2008.
122. HUVANE, Dan. “ANA, CTF Devil Team Up for MEDCAP”, *Desert Devil Dispatch* (Jornal da 82ª Divisão Aeroterrestre do Exército dos EUA), 15 de fevereiro de 2006.
123. CONE, op. cit.; e transcrição do discurso de Hâmid Karzai, Presidente da República do Afeganistão, no Debate Geral da Assembleia da ONU, da 63ª Sessão, em 24 de setembro de 2008, disponível em: [http://www.un.org/ga/63/generaldebate/pdf/afghanistan\\_en.pdf](http://www.un.org/ga/63/generaldebate/pdf/afghanistan_en.pdf)
124. VOTROUBEK, David. “Operation Maiwand makes a point in Ghazni”, *CSTC-A News*, 29 de junho de 2007; e STRAZIUSO, Jason. “Afghan army executes first big operation”, *AP*, 3 de julho de 2007.
125. “Unprecedented”, *The Phoenix Patriot* (Setembro de 2006), pp. 4-5.
126. DEL VECCHIO, Beth. “ANA print plant supports mission, training”, *CSTC-A News*, 7 de julho de 2008.
127. MORARJEE, Rachel. “Where does Karzai Go from Here?” *The Christian Science Monitor*, 2 de junho de 2006.
128. *Ibid.*
129. *Ibid.*
130. STRAZIUSO, Jason. “Afghan army executes first big operation”, *AP*, 3 de julho de 2007.
131. “Afghanistan in 2006: A Survey of the Afghan People”, *The Asia Foundation* (2006), p. 30, disponível em: [www.asiafoundation.org/pdf/AG-survey06.pdf](http://www.asiafoundation.org/pdf/AG-survey06.pdf).
132. MONTAGNE, Renée. “Afghan Army Making Progress, Still Reliant on NATO”, *National Public Radio*, 17 de novembro de 2006.
133. “NATO Says Taliban Use Hezbollah Tactics”, *AP*, 15 de agosto de 2006.
134. MONTGOMERY, Nancy. “Friction between Afghan Army, Police Boils to Surface”, *Stars and Stripes*, 18 de setembro de 2006.
135. Conversa do autor com o Coronel Matiollah Khan, durante a visita deste a CAPS em 23 de novembro de 2006. Traduzido de pacho para o inglês por Hekmat Karzai.
136. DENSMORE, Robert. “How Fervent is Taliban Support?” *Time Magazine*, 7 de março de 2007.
137. ROBERTS, Kristin. “Afghan army says needs more help from Pakistan”, *Reuters*, 4 de junho de 2007.
138. KHILWATGAR, Najib. “Joint intelligence centre to be opened in Kabul”, *Pajhwok Afghan News*, 17 de janeiro de 2007; e KRUZEL, John J. “Afghan Defense Minister Recommends Border Region Task Force”, *American Forces Press Service*, 22 de setembro de 2008.
139. MCCARTEN, James. “Commander Uncertain if Afghans can Go It Alone by ‘09”, *CNews*, 23 de abril de 2007.
140. KOZARYN, Linda D. “Gates Urges NATO Allies to Honor Commitments”, *American Forces Press Service*, 11 de fevereiro de 2007.